

Violência contra a mulher: Educação em Saúde em uma Unidade Básica de Saúde em Maceió

Violence against women: Action of Health Education in a Basic Health Unit in the city of Maceió



Joieliy França Bispo¹, Lázaro Heleno Santos de Oliveira², Maria Tereza Nascimento de Lima³, Talãine Larissa dos Santos César⁴, Wbiratan de Lima Souza⁵

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo descrever uma ação de educação em saúde centrada em executar um momento de interação com o público-alvo deste trabalho, que aborda a temática da violência contra a mulher. Trata-se de um relato de experiência de uma ação de educação em saúde de caráter extensionista, executada na Unidade Docente Assistencial Dr. José Lages Filho localizado no Centro Universitário Tiradentes, realizada em setembro de 2018, sendo o público-alvo mulheres com faixa etária entre 19 a 58 anos. A ação teve como abordagem um processo de metodologia ativa, fundamentada em problematizações acerca da violência contra a mulher, durante a atividade foi realizada a entrega de panfletos e a explanações de forma oral sobre a temática. Diante da realização da ação, verificou-se que a maior parte do público presente apresentou pouco conhecimento sobre os tipos de violência que podem acometer uma mulher, porém, ficou claro o interesse dos sujeitos em saber mais sobre o assunto e entender melhor todos os fatores citados. Dessa forma, conclui-se que esta ação de educação em saúde oportunizou para as mulheres presentes a chance de conhecerem mais sobre seus direitos, além de trazer uma melhor compreensão acerca da violência contra a mulher, mostrando algumas medidas de prevenção e o reconhecimento dos aspectos de possíveis casos de violência e das melhores formas de agir diante da ocorrência de tais atos, o que deve influenciar na diminuição dos índices desse tipo de violência.

Palavras-chave: Atenção Primária à Saúde. Violência de Gênero. Exposição à Violência.

ABSTRACT

The present study aims to describe a health education action focused on performing a moment of interaction with the target audience of this work, which addresses the theme of violence against women. This is an experience report of a health education action of an extensionist nature, carried out at the Dr. José Lages Filho Teaching Assistance Unit located at the Centro Universitário Tiradentes, held in September 2018, with the target audience being women aged between 19 and 58 years old. The action had as an approach a process of active methodology, based on problematizations about violence against women, during the activity the delivery of pamphlets and oral explanations on the theme was

¹ Acadêmica de enfermagem. Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: joieliybispo22@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9701-8968>

² Acadêmico de enfermagem. Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: lazarooliveira99@hotmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8759-0872>

³ Acadêmica de enfermagem. Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: dearmariatereza@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9478-5424>

⁴ Acadêmica de enfermagem. Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: talainelarissac@outlook.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8701-2968>

⁵ Doutorando em Sociedade, Tecnologia e políticas públicas. Centro Universitário Tiradentes (UNIT), Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: wbiratansouza@yahoo.com.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0877-0443>.

carried out. In view of the performance of the action, it was found that most of the audience present had little knowledge about the types of violence that can affect a woman, however, the subjects' interest in knowing more about the subject and better understanding all factors was clear cited. Thus, it is concluded that this health education action gave the women present the chance to know more about their rights, in addition to bringing a better understanding about violence against women, showing some preventive measures and the recognition of aspects possible cases of violence and the best ways to act in the face of the occurrence of such acts, which should influence the decrease in the rates of this type of violence.

Keywords: Primary Health Care. Gender-Based Violence. Exposure to Violence.

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher (VCM) é definida como uma abrangência de danos físicos, sexuais e psicológicos que causam sofrimento e que possuem relação com divergências de gênero, de forma a intervir na qualidade de vida das mulheres e de seus familiares, sendo que após sofrerem violência elas podem vir a desenvolver dificuldades como depressão, doenças sexualmente transmissíveis, gestações indesejadas, uso de álcool e outras drogas, ocasionando na maioria dos casos em homicídios (MORAIS; GERK; NUNES, 2018).

Esse tipo de violência também é denominado violência doméstica (VD) ou violência de gênero (VG), acometendo mulheres em todo o mundo e tendo como origem a correlação de fatores biológicos, econômicos, culturais, políticos e sociais (SILVA; OLIVEIRA, 2015). A VG pode ser compreendida como uma associação da desigualdade de poder fundamentada em uma lógica machista (CRUZ; ESPÍNDULA; TRINDADE, 2017).

Além disso, a VG dispõe de origens e modelos diversificados de violência interpessoal em relação ao agressor, visto que, mesmo existindo imensuráveis atacantes, os predominantes habitualmente são pessoas do próprio ambiente familiar, sendo eles marido, pai, padrasto, tios, primos ou outros (SILVA; OLIVEIRA, 2015). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), 35% das mulheres em todo o mundo são vítimas de violência física e/ou sexual perpetrada, em sua maior parte, por seus parceiros (OMS, 2013 apud BARUFALDI *et al.*, 2017).

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2017), em uma análise realizada em 2013, foi observado que mulheres que já sofreram violência física ou sexual eram 1,5 vezes mais favoráveis a apresentar uma infecção sexualmente

transmissível, incluindo o HIV, em relação a mulheres que não sofreram violência por parceiro íntimo. Além disso, a violência sexual e por parceiros podem acarretar gestações indesejadas, abortos e problemas ginecológicos.

De acordo com dados observados no mapa da violência, realizado pela faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso) apoiados pelo escritório no Brasil da Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres), em consonância com a OPAS/OMS, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) e do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), o Brasil está na 5ª posição internacional de homicídios femininos, com índices de 4,8 por 100 mil mulheres, o que resulta em 2,4 vezes maior se comparado com taxas médias internacionais (WAISELFISZ, 2015).

Ainda de acordo com o mapa da violência, no que se refere a regiões brasileiras, o Nordeste é responsável pelo maior número de taxas de homicídios na última década, tendo o crescimento de 79,3%. Mas, o mais surpreendente é que as taxas das unidades federativas do Brasil conseguem ser maiores que a taxa nacional, tendo Roraima que apresenta 15,3 por 100 mil ou Espírito Santo com 9,3 por 100 mil casos.

Nas capitais os resultados não são muito inferiores tendo Vitória, Maceió, João Pessoa e Fortaleza com listagem de 10 homicídios por 100 mil mulheres. É importante ressaltar que a VCM não é um fato recente, além disso os índices de ocorrência só aumentaram ao longo dos anos, desta forma, torna-se imprescindível o conhecimento destes números para ter maior noção de abordagem e tentativas de sanar esta realidade (WAISELFISZ, 2015).

A idealização deste trabalho surgiu a partir do reconhecimento do tema como assunto de grande importância a ser discutido e analisado, pois apesar de sua ampla recorrência na sociedade, a violência contra mulheres é muitas vezes uma temática desvalorizada e negligenciada. Logo, é de fato imprescindível que haja um maior engajamento de acadêmicos e profissionais de saúde no que diz respeito ao atendimento de pacientes do sexo feminino.

Tendo em vista que esse grupo, em toda sua amplitude, está exposto ao risco de vivenciar um episódio de violência, ou até mesmo já tenha sofrido, se faz necessário realizar ações de educação em saúde voltadas para o público feminino, com ênfase em VCM, para a efetivação de uma melhor qualidade de vida para tais indivíduos, em

consequência da vulnerabilidade que esse público apresenta diante dos índices gerais de violência no país.

Entretanto, é notória a escassez de informações e ações eficazes da comunidade civil e acadêmica, que interfiram de forma positiva na vida das vítimas e daquelas que estão expostas ao risco de sofrer tais hostilidades, o que justifica a necessidade de executar ações no âmbito da saúde da mulher, voltadas a identificação de fatores de risco e formas de prevenção da violência, com o intuito de diminuir o percentual atual.

Dessa forma, uma ação em saúde com abordagem informativa, leva conhecimento e gera um impacto positivo e direto a este público-alvo, com total relevância para os mesmos e para a sociedade em geral, tendo grande importância para a comunidade onde foi realizada a ação descrita neste relato, já que a mesma localiza-se em Maceió - AL, região que de acordo com os dados do mapa da violência apresenta índices elevados de VCM.

Além disso, trata-se de uma localidade onde residem mulheres de baixo nível de escolaridade e condição econômica desfavorecida, público do qual as pesquisas apontam como a maior parcela dos casos registrados, o que demonstra a pertinência de se fazer efetiva uma intervenção neste âmbito.

O presente estudo apresenta como objetivo geral descrever uma ação de educação em saúde, centralizada em executar um momento de interação com o público-alvo, abordando como temática a VCM, esclarecendo as formas de prevenção, o reconhecimento dos aspectos de possíveis casos de violência e das melhores formas de agir diante da ocorrência de tais atos, buscando sensibilizar o público em relação ao tema.

Foram objetivos específicos da ação, responder aos questionamentos destas mulheres, observar seus conhecimentos sobre o conteúdo e atuar de forma significativa, produzindo resultados positivos, com a proposta futura de desenvolver outros projetos, designados a levar maiores informações sobre a temática, para essa população. Assim, questiona-se: De que forma uma ação de Educação em Saúde em uma Unidade Básica de Saúde na cidade de Maceió - AL pode influenciar na diminuição dos índices de violência contra a mulher?

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência sobre uma ação de educação em saúde de caráter extensionista, executada na Unidade Docente Assistencial (UDA) Dr. José Lages Filho localizada no Centro Universitário Tiradentes (UNIT) em Maceió - Alagoas, realizado no dia 26 de setembro de 2018, com temática voltada para a VCM, tendo como público-alvo mulheres com faixa etária entre 19 a 58 anos que frequentam a unidade de saúde.

O relato de experiência é uma ferramenta da pesquisa descritiva que apresenta uma reflexão sobre uma ação ou um conjunto de ações que abordam uma situação vivenciada no âmbito profissional de interesse da comunidade científica (CAVALCANTE; LIMA, 2012).

O processo de ensino e aprendizagem foi fundamentado em uma metodologia ativa baseada em problematizações acerca do tema. Os critérios de inclusão foram mulheres que residem na comunidade e acessam frequentemente a UDA, já os critérios de exclusão foram mulheres que não pertencem à comunidade ou que não frequentam a unidade.

Essa ação foi elaborada a partir de embasamentos teóricos referente ao tema proposto, encontrados em publicações científicas divulgadas pelo Ministério da Saúde do Brasil e pela Organização das Nações Unidas (ONU), com o intuito de levar informações ao público-alvo de forma clara e direta, numa linguagem adaptada a realidade das mulheres residentes daquela comunidade.

No primeiro momento, foi realizada a entrega de panfletos contendo um resumo dos tipos de violência contra mulher determinados pela ONU, junto as orientações de como denunciar esses tipos de violência através do 180, número da Central de Atendimento à Mulher do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo Federal do Brasil.

Em seguida, foi iniciada a explanação do tema de forma oral pelos envolvidos na ação, a fala iniciou com um breve resumo do conceito de violência, logo após houve uma explicação breve dos direitos das mulheres, determinados pela ONU, assim como

exemplos de formas de violência, como identificá-las em seu cotidiano e como denunciar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a ação verificou-se que a maior parte das mulheres presentes apresentaram pouco conhecimento sobre os tipos de violência que podem acometer uma mulher, como identificar esses atos e até mesmo de como denunciar. Foi perceptível que de início não houve muito interesse e participação por parte do público, porém ao iniciar a conversa elas foram se interessando e até mesmo retirando dúvidas e fazendo questionamentos sobre o tema.

Um dos questionamentos que chamou a atenção do grupo, se deu por uma mulher que sequer sabia o que era uma psicóloga, sendo assim respondemos sua pergunta e orientamos melhor sobre onde encontrar profissionais da área. Diante desse questionamento, as outras mulheres presentes também manifestaram grande interesse em saber mais sobre a prática da psicologia, em seguida as mulheres expressaram que nunca tinham ido à clínica de psicologia presente naquela unidade, mas que tinham curiosidade de conhecer.

O presente estudo expõe os diversos benefícios desta ação, que foram voltados para a valorização e o incentivo de qualquer medida que sirva como conscientização e voz para todas aquelas que são vulneráveis à violência e as vítimas já acometidas por toda e qualquer violência dirigida à mulher, demonstrando que a violência também está diretamente relacionada aos cuidados em saúde. E não somente aquelas hostilizadas, mas em todos os âmbitos sociais, também as que como forma de combate se posicionam de maneira corajosa, clara e objetiva contra toda e mínima ameaça que se levante contra a figura feminina.

Diante dos resultados da educação em saúde, nota-se que o principal resultado dessa intervenção foi a percepção da falta de conhecimento e informação das mulheres em relação a VCM em suas diversas formas. Como também foi relatado por Almeida e Bandeira (2006, apud FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012), onde retratam que as condições dominantes que determinam o não reconhecimento da VCM, são relativos a

algumas questões de compreensões de violência, principalmente se tratando de mulheres que se encontram em algum tipo de relacionamento estável.

Os mesmos autores descrevem que a falta de reconhecimento da VCM em relacionamentos, se dá pelo fato das mulheres inseridas em um matrimônio ou relação semelhante, tendem a não reconhecer as violências produzidas no cotidiano da relação, levando dessa forma ao consentimento das ações de violência e abuso por seus companheiros que tomam para si uma posição de proprietários dessas mulheres.

Segundo Guimarães e Pedroza (2015), as violências que se expressam de forma física e moral, são geralmente as mais conhecidas, entretanto, os outros tipos, como a psicológica por exemplo, são menos reconhecidos diante do âmbito doméstico e familiar. Isso foi observado durante a ação do presente estudo, visto que a maioria das mulheres apenas tinham conhecimento sobre a violência física.

Porém, de acordo com a Fundação Perseu Abramo (2001, apud BRASIL, 2005), em muitos desses casos as vítimas são frequentemente agredidas, mas essas violências só se apresentam ao poder público quando se perpetuam até resultar no assassinato da vítima.

Sacramento e Rezende (2006), referem que a violência tende a representar uma ligação ao crime utilizada para expressar aquilo que acontece em espaços públicos, quando realizada por desconhecidos. Já quando acontece na vizinhança, trabalho, escola, ou ambientes comuns por pessoas conhecidas, não são reconhecidos como atos de violência. Além disso, a palavra violência é associada a circunstâncias graves, que popularmente não reconhecem a VD dessa maneira, mesmo ela sendo evidentemente severa.

Essas situações estão tão estabelecidas na forma como a sociedade foi construída, que em muitas famílias passam a ser vistas como um cenário comum e aceitável. Nesse contexto, geralmente a forma que é mais associada ao conceito de violência é a do tipo sexual, porém considera-se que a violência psicológica é a forma mais frequente e menos associada a esse conceito (Sacramento; Rezende, 2006).

Observando de forma ampla, é possível perceber que as agressões e abusos cometidos por pessoas próximas e íntimas tornam a VCM uma situação semelhante à sofrida por crianças e idosos, sendo as questões de gênero, associadas às desigualdades

e vulnerabilidades do gênero feminino que tornam a VCM um evento específico. Dessa forma, deve-se procurar delimitar os âmbitos psicológico, físico e sexual, atrelados uns aos outros, justamente por serem envolvidos e determinados pelas problemáticas de gênero.

As limitações gerais do estudo foram a falta de interação da maior parte do público durante o desenvolvimento, além disso o atraso da maioria delas ao horário marcado para o atendimento também acabou diminuindo o nosso tempo de exposição do assunto, porém foi possível executar a ação no tempo disponível e todas demonstraram interesse ao longo da apresentação e permaneceram até o final.

A representatividade institucional no âmbito da saúde através da informação e do conhecimento, além da credulidade do apoio dos profissionais referente a todos os caminhos que possibilitem o cuidado da mulher de maneira prática e efetiva, é o que faz com que a conscientização da denúncia seja o caminho necessário para que as mulheres produzam um senso autônomo de como responder a essa questão, e junto com essa autonomia provoque o impedimento desse tipo de violência e conseqüentemente a redução do número de casos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta ação de educação em saúde oportunizou para as mulheres presentes a chance de conhecerem mais sobre seus direitos além de trazer uma melhor compreensão acerca da VCM, o que gerou impactos positivos para o público, mostrando algumas medidas de prevenção, o reconhecimento dos aspectos de possíveis casos de violência e das melhores formas de agir diante da ocorrência de tais atos, o que deve influenciar na diminuição dos índices de VCM.

Evidenciou-se que poucas mulheres já possuíam um certo conhecimento sobre o tema, porém, ficou claro o interesse dos sujeitos em saber mais sobre o assunto e entender melhor todos os fatores citados, dos quais, muitas, não tinham conhecimento. Portanto, percebe-se a necessidade da população em ter acesso a informações com relação ao tema abordado.

REFERÊNCIAS

- BARUFALDI, Laura Augusta *et al.* Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2929-2938, set. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002902929&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 set. 2018.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Enfrentando a Violência contra a Mulher**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005, 64p. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/enfrentando-a-violencia-contra-a-mulher-orientacoes-praticas-para-profissionais-e-voluntarios>. Acesso em: 29 jun. 2020.
- CAVALCANTE, Bruna Luana de Lima; LIMA, Uirassú Tupinambá Silva de. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. **J Nurs Health**, Pelotas (RS), v. 2, n. 1, p. 94-103, jan/jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/3447/2832>. Acesso em: 03 jul. 2019.
- CRUZ, Suzyelaine Tamarindo Marques da; ESPINDULA, Daniel Henrique Pereira; TRINDADE, Zeidi Araújo. Violência de Gênero e seus Autores: Representações dos Profissionais de Saúde. **Psico-USF**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 555-567, dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712017000300555&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 set. 2018.
- FONSECA, Denire Holanda da; RIBEIRO, Cristiane Galvão; LEAL, Noêmia Soares Barbosa. Violência doméstica contra uma mulher: realidades e representações sociais. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 307-314, agosto de 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 29 jun. 2020.
- GUIMARAES, Maisa Campos; PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: PROBLEMATIZANDO DEFINIÇÕES TEÓRICAS, FILOSÓFICAS E JURÍDICAS. **Psicol. Soc.** Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 256-266, ago. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822015000200256&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 jun. 2020.
- MORAIS, Bruna Lais Alcará de; GERK, Maria Auxiliadora de Souza; NUNES, Cristina Brandt. Enfermeira da Estratégia de Saúde da Família: abordagem frente à mulher em situação de violência. **Nursing**, São Paulo, v. 240, n. 2, p. 2164-2167, maio, 2018. Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/brasil/resource/pt/bde-33085>. Acesso em: 20 set. 2018.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Folha informativa - Violência contra as mulheres**. Brasília: OPAS, nov. 2017. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820. Acesso em: 20 set. 2018.

SACRAMENTO, Livia de Tartari e; REZENDE, Manuel Morgado. Violências: lembrando alguns conceitos. **Aletheia**, Canoas, n. 24, p. 95-104, dez. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000300009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 jun. 2020.

SILVA, Lídia Ester Lopes da; OLIVEIRA, Maria Liz Cunha de. Violência contra a mulher: revisão sistemática da produção científica nacional no período de 2009 a 2013. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 11, p. 3523-3532, nov. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015001103523&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 set. 2018.

WASELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil. **Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso)**, Brasília, 1^o Edição, nov. 2015. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf. Acesso em: 20 set. 2018.

Recebido em: 07 de setembro de 2020.

Aceito em: 24 de maio de 2021.